

Diálogo interáreas: o papel da educação musical na atualidade

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

Universidade Estadual Paulista (Unesp)
marisatrench@uol.com.br

Resumo. Neste trabalho, faz-se uma revisão histórica da educação musical brasileira nos últimos cinquenta anos, apontando como ela se enfraqueceu na escola, mostrou boa participação em projetos culturais e sociais e fortaleceu-se com as associações de classe e cursos de pós-graduação. Aponta-se que os métodos clássicos de educação musical do início do século XX foram respostas às necessidades do seu tempo. Sugere-se que, como resposta às necessidades atuais, a educação musical dialogue com outras áreas do saber, para que a educação musical não se limite aos que freqüentam escolas de música ou participem de projetos culturais e sociais, mas se estendam a outras populações, portadoras de necessidades especiais. Esses agrupamentos podem ser atingidos pelo diálogo com outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a medicina, a antropologia e a educação ambiental. Resultados parciais desse diálogo interáreas são mostrados, com projetos concluídos e em andamento, desenvolvidos nos cursos de graduação e pós-graduação em música do IA/Unesp.

Palavras-chave: educação musical, sociedade complexa, interdisciplinaridade

Abstract. In this study we review the musical education in Brazil during the last 50 years. We point out that musical education has become weakened in schools, flourished in cultural and social projects and gained strength through Graduate Studies Programs and Associations of professionals. Classical methods in music education in the beginning of 20th century answered to specific necessities of that time. We suggest that as a response to current needs, musical education will connect to other professional areas so that music education will not be limited to music students or people who participate in cultural or social projects, but reach other kind of people who present special demands. We intend that by sharing experiences with Psychology, Medicine, Anthropology and Environmental Studies we will be able to connect this people, giving them new opportunities. Partial results of this interdisciplinary approach are shown in projects conducted in Graduated and Undergraduate Studies in Music of IA/Unesp.

Keywords: music education, complex society, interdisciplinary studies

Neste início de século é importante refletir a respeito do papel que a educação musical vem assumindo na sociedade brasileira e da situação peculiar pela qual vem passando atualmente, a partir de seu afastamento da escola. Tal situação, considerada o ponto nevrálgico desta questão, foi provocada pelo que determinava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5692/71. Recorde-se que, por essa Lei, a Música e as outras linguagens – Artes Plásticas, Artes Cênicas e Desenho

Geométrico – foram incorporadas numa única disciplina, Educação Artística, cujo professor deveria provir dos cursos de Licenciatura.

Estes tinham caráter polivalente e os alunos, a partir do terceiro ano, podiam escolher uma das linguagens expressivas como habilitação. Essa modalidade denominava-se Licenciatura Plena em Educação Artística. Quem não desejasse fazer a habilitação em uma das linguagens, concluía seu curso

como Licenciatura Curta que, em geral, tinha dois anos de duração. Considera-se que esse tenha sido um dos grandes problemas que afetaram o fortalecimento da disciplina, pois a própria organização dos cursos não permitia o aprofundamento do estudo em nenhuma das linguagens.

Mesmo que essa situação tenha se modificado com a extinção da Licenciatura Curta, o caráter dos cursos não mudou, prevalecendo um tipo de formação generalista, que contemplava todas as áreas expressivas, ficando as disciplinas específicas da linguagem escolhida relegadas à segunda metade do curso. Devido a esse caráter polivalente, pouco ou nenhum espaço era destinado à formação do músico, pois a música requer o desenvolvimento de habilidades e competências, bem como o domínio de códigos específicos, impossíveis de serem conseguidos em um curso com tais características.

Essa situação provocou a drástica redução do número de arte-educadores com habilitação em música no país, o que contribuiu para o enfraquecimento ou, mesmo, a extinção da atividade musical nas escolas. Outro fator a ser destacado é que, de acordo com a orientação emanada da LDB de 1971, a Educação Artística passou a ser considerada atividade, não merecendo mais o *status* de disciplina na grade curricular dos cursos de primeiro e segundo graus – como, então, eram chamados os níveis fundamental e médio. Isso queria dizer que ela era oferecida de maneira marginal ao currículo e organizada em razão das conveniências da própria escola; os alunos participavam das atividades em arte sem cumprirem um plano definido e sem serem submetidos à avaliação.

Embora essa situação tenha afetado o desenvolvimento das propostas em Educação Artística – mais tarde renomeada arte-educação – cada linguagem criou um percurso próprio para lidar com ela, enfrentando, cada qual à sua maneira, as questões que surgiam. As Artes Plásticas, em que pese a situação dos cursos de graduação em Educação Artística anteriormente apontada, conseguiram organizar-se, adaptando-se ao novo modelo. As Artes Cênicas, que anteriormente não eram contempladas no currículo, existindo numa situação marginal, em razão de interesses pontuais demonstrados por alguns professores em algumas escolas, com a LDB ganharam um espaço importante. O Desenho Geométrico, que dava suporte às Artes Plásticas, complementava, também, as aulas de Matemática e Geometria, o que lhe garantia importância no contexto dos cursos. E a Dança, hoje uma das linguagens expressivas incorporadas à disciplina Artes, àquela época era considerada conteúdo das aulas

de Educação Física, e não da Educação Artística. Pode-se, portanto, afirmar que, cada qual a sua maneira, as linguagens artísticas encontraram maneiras de se adaptar à LDB.

No entanto, não foi isso que ocorreu com a Música; nesse contexto, pode-se dizer que ela foi a linguagem que mais teve problemas de adaptação ao novo modelo. Ao ser agrupada às demais linguagens expressivas, perdeu as condições que detivera até então, desde a época do Canto Orfeônico – a partir da década de 1930 – e da Educação Musical, em vigência no período de 1964 a 1971. Recorde-se que no Brasil das décadas de 1930-1940, com Villa-Lobos, houve uma tentativa de socializar o ensino da música pela prática do canto coral nas escolas, com o Canto Orfeônico, destinado a todos os alunos da rede pública do país. Esse modelo em grande parte inspirava-se na obra dos grandes educadores musicais europeus do início do século, mas tomou rumos bastante peculiares ao ser aplicado no Brasil. Não se pretende afirmar que esses modelos de ensino e aprendizagem de música eram isentos de problemas. Entende-se, apenas, que isso não vem ao caso agora. O que se quer destacar é que, nessa época, havia espaço no currículo para o ensino de música, e este se perdeu com a reforma do ensino de 1971.

A partir da promulgação da LDB 5692/71, quando o ensino de música perdeu seu espaço nas escolas de ensino fundamental e médio, a tentativa de socialização do ensino da música nas escolas decresceu ou foi interrompida. Desde então, até a década de 1990, a formação musical voltou a se dar quase que exclusivamente nas escolas especializadas – escolas livres de música, conservatórios, cursos técnicos e superiores, nas modalidades licenciatura e bacharelado – permanecendo apenas em algumas escolas públicas e privadas de educação infantil, nível fundamental e médio.

Essa situação, de certa maneira, foi amainada com a aprovação da LDBEN n. 9394/96, que voltou a considerar as Artes como forma de conhecimento, resgatou seu lugar na grade curricular e abriu a possibilidade de se oferecer Licenciaturas específicas nas áreas de Artes Visuais, Artes Cênicas, Dança e Música.

De acordo com a nova lei, o país teria dez anos para se adaptar ao novo modelo, prazo vencido no ano passado. No entanto, no que se refere à música, após cerca de 30 anos de ausência, as consequências de seu afastamento da prática escolar ainda se fazem sentir e vêm sendo objeto de inúmeras manifestações em todo o país, em favor da volta

do ensino de música nas escolas. No entanto, embora haja um considerável aumento de iniciativas e bons projetos, ainda não há uma política nacional firmemente sedimentada que ampare o retorno da música às escolas, e nem profissionais habilitados em número suficiente para levar adiante esse projeto.

Ao mesmo tempo em que a educação musical perdia importantes espaços na área da educação, ganhava outros, em locais alternativos. Referimo-nos a projetos culturais de cunho social, desenvolvidos por setores governamentais de municípios, estados ou da federação, organizados por secretarias de educação e cultura, ou mantidos por organizações não governamentais, igrejas, empresas e outros tipos de agrupamentos. Esses projetos continuam a ser realizados hoje e têm originado uma série de ações empreendedoras, que contribuem para o avanço da educação musical no país.

A partir da década de 1990, há um marco importante a assinalar na história da educação musical no Brasil: a criação da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem), que passou a ter relevante papel na sistematização e divulgação da produção científica da área e tem sido responsável pela socialização de pesquisas, mediante comunicações, palestras e grupos de trabalho, em seus encontros anuais e regionais. A Abem responsabiliza-se, também, pela publicação de pesquisas em educação musical, em todo o Brasil, tendo-se tornado a portavoza da classe dos educadores musicais.

Na mesma época em que a Abem foi criada, outro fator contribuiu para o fortalecimento da educação musical: sua presença intensa nos cursos de pós-graduação em Música ou Educação, em linhas de investigação que congregam grande parte das pesquisas da área. Em virtude dessas iniciativas – criação da Abem e fortalecimento das pesquisas em educação musical nos cursos de pós-graduação –, passou-se a conhecer melhor a situação dessa subárea, levantando-se dados, aferindo informações, incentivando pesquisas e publicações, que deram consistência à discussão a respeito de sua prática no Brasil.

Assinale-se, também, por volta da mesma época, o nascimento de outras associações de estudo e pesquisa em Educação Musical, entre as quais mencionam-se, apenas como exemplo, a Associação Kodály, a Associação Orff, no Brasil, e o Fórum Latino-Americano de Educação Musical (Fladem), na América Latina.

Esse histórico da educação musical ocorreu simultaneamente a grandes mudanças no mundo ocidental, entre as quais destacamos o avanço

tecnológico, que abriu possibilidades de comunicação quase instantânea com o mundo. A música foi afetada por isso e, hoje, é possível a todas as pessoas manter intenso contato com ela, por meio de um número incontável de ofertas musicais de todos os gêneros, épocas e espaços, facilmente acessíveis por programas de computador, mp3, disk-man, CDs, DAT, DVDs, e outros recursos. No entanto, essas facilidades referem-se muito mais ao acesso à música, do que ao fazer musical, que ficou retraído para grande parte da população, com exceção daqueles que freqüentam escolas onde se faz música, ou participam de projetos culturais. Grande parte da população não conta nem com as possibilidades tecnológicas de acesso à música, nem participam de atividades musicais, limitando-se a ouvir a partir de algumas escolhas, extraídas de um repertório restrito e à música de fundo, onipresente nos espaços públicos e privados, a qual ouve passiva e acriticamente.

O compositor Eric Satie, no início do século XX, criou um tipo de música que denominava *música móbil*, a qual não deveria ser escutada, mas servir de fundo às conversas sociais que se desenrolavam no espaço, enquanto era tocada. Conta-se que, durante a apresentação de sua *música-móbil*, quando Satie, passando pelo salão, identificava pessoas em atitude de escuta, imediatamente as abordava, falando alto e gesticulando, para espanto de todos: “conversem! conversem!”. Por essa atitude, pode-se dizer que Satie antecipou o que hoje conhecemos como música de fundo.

O conjunto de considerações aqui trazidas, quais sejam: as alterações no ensino de música e as consideráveis mudanças sofridas pela sociedade atual, que levaram ao aumento das possibilidades de escuta, à presença constante da música de fundo no ambiente e à restrição do fazer musical são aspectos que nos levam à reflexão acerca da educação musical. Essas reflexões nos têm levado a considerar a necessidade de ampliação dos papéis e funções usualmente a ela atribuídos e de buscar outros modos de atuação em relação ao ensino da música, diferentes dos habituais, legitimados por inúmeras experiências no decorrer da história.

No início do século XX, o acelerado processo de urbanização motivado pelo desenvolvimento industrial e o aumento da classe operária nas cidades fez com que o educador musical suíço Émile-Jaques Dalcroze aprofundasse suas pesquisas, criando uma metodologia que pudesse ser aplicada nas escolas públicas, que recebiam como alunos muitos filhos de operários. Já não se pensava, então, exclusivamente na formação do intérprete virtuose, como no

século XIX, mas no novo papel a ser assumido pela música, como agente do desenvolvimento humano.

Aproximadamente à mesma época, na Hungria, o compositor e etnomusicólogo Zoltán Kodály insistia em descobrir as raízes da música húngara, encobertas durante séculos de dominação de seu país, por diferentes senhores. Suas pesquisas mostraram um tipo de música até então desconhecido, pertencente às comunidades que compunham o núcleo detentor do que poderiam ser chamadas “as raízes formativas da nação húngara”; essas raízes eram preservadas, em geral, por agrupamentos humanos que habitavam regiões de difícil acesso, em vilarejos situados no alto das montanhas, o que os deixava sem contato com a música praticada nas cidades grandes e contribuía para manter as tradições musicais milenares daquelas comunidades. A partir das pesquisas realizadas por Kodály e Bela Bartók, essa música passou a ser recolhida, analisada, classificada e, posteriormente, utilizada nas aulas de música nas escolas do país, em todos os níveis de escolaridade, do elementar ao superior, por ser considerada um forte fator da identidade da nação húngara.

Outro exemplo é o trabalho do músico e educador Sinishi Suzuki, no Japão, que se serviu da música para fortalecer o moral das crianças japonesas, bastante abalado, numa nação assolada pela guerra. Suzuki orientou sua metodologia para o ensino do violino a partir da sua crença na existência de uma música-mãe, para ele tão importante no desenvolvimento infantil quanto a língua-mãe. Com esse método, conseguiu que um número enorme de crianças atingisse excelência na *performance* de instrumentos de corda, chamando a atenção do mundo todo, embora a preocupação inicial de Suzuki fosse dar sentido à vida das crianças de sua terra.

O que se pode dizer dos educadores musicais aqui elencados é que eles deram respostas eficazes aos problemas com os quais se defrontavam em sua época. Suas propostas de ensino de música vinham ao encontro de necessidades claramente detectadas por eles, a saber, os problemas decorrentes da urbanização e do aumento da classe operária e o reconhecimento de que a música poderia exercer relevante papel na formação das crianças da escola pública, no caso de Dalcroze; o reconhecimento do poder da música como agente de fortalecimento da identidade da nação e a adoção de matrizes tradicionais húngaras há muito esquecidas, nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Kodály; e a esperança de que a música contribuísse para elevar o moral das crianças japonesas, vítimas da guerra, pelo contato com o fazer musical de elevado teor artístico, com Suzuki.

Muitos outros exemplos poderiam ser aqui trazidos, mas cremos que estes sejam suficientes para ilustrar o que queremos afirmar: as propostas dos educadores musicais no decorrer do tempo são respostas aos problemas de sua época e do espaço onde vivem e atuam; o valor atribuído à educação musical, em cada época, é estreitamente dependente do valor conferido à música.

No Brasil, paralelamente ao afastamento do ensino formal de música nas escolas, pode-se dizer que a educação musical se alojou em outros espaços, mais próximos da área da cultura do que da educação, tornando-se um agente importante na execução de muitos projetos sociais; nesse trabalho, adotou-se uma função bastante semelhante às já apontadas no trabalho de Dalcroze, Bartók e Suzuki, ao colaborar para o fortalecimento da identidade de jovens provenientes de classes sociais baixas, infundir-lhes coragem e determinação e mostrar-lhes que ocupam um lugar importante na sociedade. Além dessas funções, as propostas de educação musical nesse segmento lidam com o desenvolvimento individual e coletivo, valorizam a cultura popular e mostram que o fazer artístico-musical pode contribuir para a formação e desenvolvimento do ser humano.

Embora as propostas aqui lembradas tenham avançado em relação à posição tradicional, de se ensinar música exclusivamente a alunos talentosos, com o objetivo de produzir intérpretes virtuosos, acreditamos que ainda haja outros espaços para a educação musical que necessitam ser descobertos e trazidos à discussão. Esta preocupação passa pela importância da música para o ser humano, não apenas como modo de profissionalização, auxiliar na construção de identidade, ou nos processos de socialização, embora, em circunstâncias específicas, esses papéis existam e sejam exercidos e valorizados pela sociedade.

O que se quer trazer para a reflexão é o papel da música como favorecedora da expressão e comunicação humanas, e de canal de revigoração da sensibilidade do indivíduo. Como linguagem expressiva, essa peculiaridade da música transcende as técnicas de execução, e a faz veículo de expressão individual e grupal. Há inúmeras evidências do poder da música sobre o ser humano e de sua capacidade em atingir profundas regiões da psique, não facilmente acessíveis pela comunicação verbal.

Essas características ainda não são suficientemente conhecidas para que se tenha clareza a respeito de suas possibilidades de atuação e requeiram muito estudo e pesquisa para que esses aspectos

tos sejam plenamente considerados e compreendidos e possam contribuir para a solução de problemas existentes numa sociedade complexa e multiforme como a nossa. A multiplicidade e a complexidade da sociedade contemporânea não permitem que essas questões sejam estudadas e pesquisadas por uma única área de conhecimento. É necessário que haja um esforço para que diferentes campos do saber se aproximem, a fim de que as pesquisas a respeito da importância da música para o ser humano avancem a partir da colaboração com outras áreas de conhecimento, e estabeleçam com elas diálogos que poderão beneficiar as partes envolvidas.

Hoje, já se pode assinalar um número considerável de pesquisas a respeito de música e educação musical que procuram dialogar com outras áreas, buscando pontos de contato que estimulem a reflexão, para a melhor compreensão do significado da música para o homem e dos papéis que ela pode desempenhar na atualidade. Essas pesquisas procuram examinar de que modo se dá e que consequências podem ser encontradas no relacionamento do ser humano com o som e a música, averiguando sua importância para o indivíduo e a sociedade. Algumas áreas que têm dialogado com a música são: a biologia, a bioacústica, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a medicina, apenas para citar alguns exemplos; elas têm em comum o interesse em conhecer a influência do som e da música para a vida humana e animal. Consulte-se, a respeito, Murray Schafer (2001) e os vários volumes do jornal de *The World Forum for Acoustic Ecology* (a partir de 1993).

Essa abordagem de cunho inter e multidisciplinar vem sendo cultivada no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (Gepem - IA/Unesp), que mantém seu olhar voltado para tais questões, tendo pesquisas concluídas e em andamento a respeito da relação que a educação musical mantém com outras áreas do saber.

Esse enfoque é sintetizado no Projeto Temático Educação Musical e Contemporaneidade. Nele, discute-se o papel da música na atualidade, em especial em programas educacionais ou culturais mantidos pelo poder público. Considera-se que, hoje, a relação homem/música não possa mais ser pensada simplesmente nos antigos moldes de aprendizado de instrumento e canto; desse modo, procura-se investigar a importância do fazer musical para indivíduos e comunidades, como facilitador da expressão e comunicação. Já existem inúmeras experiências que atestam o poder transformativo da música e é digno de nota o fato de que não existe comunidade oral que não se manifeste musicalmente, ocupando

a música lugar de proeminência no cotidiano. Entretanto, na sociedade contemporânea o seu papel aglutinador e transformador perdeu forças, colocando as pessoas no papel de ouvintes, e não de fazedores de música.

O projeto tem por objetivo pesquisar o papel da música junto a pessoas pertencentes a diferentes contextos, procurando desvendar seu significado para elas e se, de fato, elas são beneficiadas pela prática da música, em relação a si mesmas e a outras pessoas. A metodologia adotada, em geral, é participativa, variando, porém, sua aplicação em cada projeto específico, dependendo das peculiaridades do projeto e das características do grupo estudado. Espera-se que essas pesquisas possam contribuir para o melhor entendimento do papel da arte e, em especial, da música neste início de século e comprovar sua eficácia na promoção de qualidade de vida aos contemplados na investigação.

Existem resultados parciais, obtidos a partir de projetos concluídos, ou em andamento, dos quais podem ser citados:

Música na escola (Fapesp/IA/Unesp, 2000-2004);

Música e movimento: projeto cidadania. Desenvolvido nas UIPs/UIS da Febem (Secretaria da Educação, Secretaria do Bem Estar Social, Cenpec, 2000-2005);

Afinando diferenças. O processo de construção artística do "Coral Cidadãos Cantantes", pesquisa desenvolvida por Julio César Giudice Maluf. Secretaria de Saúde do Município de São Paulo, Centro Cultural de São Paulo (Dissertação de Mestrado defendida no IA/Unesp em 27 out. 2005);

O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar. Uma abordagem sociohistórica, desenvolvida por Zoica Mendes Caldeira. A pesquisa aplica técnicas de expressão e criação musicais em um hospital da cidade de São Paulo (Instituto de Infectologia - Hospital Emílio Ribas), e seu público-alvo é a criança hospitalizada. Busca-se perceber de que modo atividades criativas em música podem auxiliar em aspectos pessoais e sociais (pesquisa em andamento);

O ambiente sonoro e suas implicações sobre a saúde durante a gravidez. Um estudo em ecologia acústica. Projeto desenvolvido por Simone Cabrera. Nessa pesquisa, estuda-se o ambiente sonoro que cerca gestantes, procurando-se avaliar as suas implicações sobre a saúde. Investiga-se, também, pos-

síveis mudanças de estado de ânimo das gestantes, motivadas por músicas consideradas por elas agradáveis ou desagradáveis (pesquisa em andamento);

Paisagem sonora da Igreja Batista de Utinga. Um estudo do ambiente sonoro, por Fabio Miguel. A pesquisa estuda o som da igreja e redondezas, procurando detectar suas características, qualidades e graus de interferência na vida do bairro e apontar em que medida a comunidade da igreja afeta e é afetada pela paisagem sonora local (Dissertação de Mestrado defendida em outubro de 2006);

Estudo da paisagem sonora da comunidade de Santa Luzia do Baixo, na Amazônia. Ligado ao Projeto Cognitus, da Petrobrás. Neste projeto, procura-se fazer o levantamento da paisagem sonora local, em seus aspectos biofônicos, geofônicos e antropológicos, procurando descobrir seus significados para os habitantes locais. Projeto desenvolvido por Marcelo Sarra Nicholini (pesquisa em andamento);

O papel do educador musical em um processo educativo dirigido a portadores de transtorno global de desenvolvimento. Pesquisa desenvolvida por Pedro da Silva Guimarães, no IA/Unesp, em diálogo com o Projeto Tecer, desenvolvido no Instituto de Psicologia da USP, sob coordenação da Profa. Dra. Jussara Falek (pesquisa em andamento);

Música e gerontologia. Tema de investigação que contempla duas bolsas Pibic/CNPq, desenvolvida por dois alunos de graduação: André Ehrbart e Luíza Biondi, em que se estuda a influência da música na vida de pessoas idosas (pesquisa em andamento).

Em todos os projetos arrolados houve necessidade de se estabelecer diálogo com profissionais de outras áreas. Muitos deles dialogam com a educação ambiental, a sociologia, a antropologia, a biologia e a bioacústica. Outros conversam com a área da saúde, a saber, psicologia, psiquiatria e medicina, nas especialidades: obstetrícia, pediatria e gerontologia.

No caso dos projetos de pesquisa que dialogam com a área da saúde, há, ainda, um outro aspecto a considerar; eles não devem ser tomados como pertencentes à área de musicoterapia, porque não têm a pretensão de desenvolver procedimentos de cura mas, simplesmente, maneiras de incentivar a aproximação entre a música e seres humanos, neste caso, pertencentes a segmentos bastante específicos da população, a saber: portadores de sofrimento mental e de distúrbio global de desenvolvimento, crianças hospitalizadas, gestantes, idosos.

A finalidade da intervenção não é criar protocolos de cura, mas permitir que pessoas pertencentes a esses segmentos possam usufruir da convivência com a linguagem da música e beneficiar-se da proximidade da arte, do mesmo modo que outras pessoas, pertencentes a outros segmentos da população.

Entende-se que a terapia não seja função do músico, a não ser que especialmente habilitado para isso, embora, em muitos casos, ele possa colaborar com o terapeuta, pois a música, como linguagem expressiva, tem a capacidade de atingir o indivíduo em sua sensibilidade e proporcionar prazer estético. A exposição do sujeito à música permite que ele seja afetado por ela, o que engendra o gosto e abre novas oportunidades de ser.

Em nenhum dos exemplos arrolados pretendeu-se atuar utilizando a música como ferramenta de cura. O que se propõe é compreender de que modo os indivíduos pertencentes a esses grupos especiais – gestantes, crianças hospitalizadas ou portadores de necessidades especiais, velhos, habitantes de uma comunidade rural, membros de uma igreja – se relacionam com a música, escutam música e aperfeiçoam seu fazer musical; a partir daí é possível aferir os resultados apresentados, decorrentes do seu contato com a música.

Incertezas e inconclusões

Se examinarmos o valor e o papel da educação musical na sociedade ocidental, desde a Grécia Antiga até hoje, podemos constatar que, em geral, estes estiveram atrelados ao valor e ao papel atribuído à música por cada agrupamento humano, em cada época. Veremos, também, que a atuação dos grandes educadores e pesquisadores pode ser compreendida como respostas que eles deram aos problemas de seu tempo.

Os problemas de uma sociedade complexa pedem, também, por soluções adequadas e acredita-se que estes não possam ser resolvidos sem o estabelecimento de pontes interáreas. Esse tipo de função para a educação musical não foi deliberadamente buscado, mas surgiu da própria demanda, à medida que pessoas ligadas à música, ao trabalho com grupos especiais, sentiram-se compelidas a refletir a respeito da interação entre a educação musical e outras áreas do saber.

Essa busca serviu de inspiração para a elaboração do projeto temático e o estabelecimento de formas de diálogo com outros campos do saber; o trabalho resultante dessa escuta mútua, até agora, permite afirmar que estamos caminhando por uma rota cujo percurso ainda pouco conhecemos, pois

foi apenas iniciado; mas ele já nos deixa entrever uma enorme riqueza de possibilidades, pelos índices que fornece. Percebemos, nesse caminho, que os pesquisadores das áreas com as quais conversamos estão abertos à troca e interessados, apresentando que o contato dos pesquisadores com seus pacientes ou membros de grupos comunitários, via de regra, não contemplados pelo ensino formal de música, os faz crescer. Embora esse contato possa

afetar o tratamento dos indivíduos ou grupos ligados a projetos de educação musical, não são os procedimentos de cura que atraem nosso interesse. No nosso entender, a grande função da música na atualidade é abrir espaço para que indivíduos e comunidades possam desfrutar do fazer musical e da apreciação legítima e profunda da música e se utilizem dela como fonte de desenvolvimento e crescimento. Sem qualquer forma de exclusão.

Referências

- ATALLI, J. *Noise*. The political economy of music. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1985.
- BARANZINI et al. Feel it or Measure it. Perceived vs. Measured Noise in Hedonic Models. In: *Cahier de recherche*, HEG – Haute école de gestion de Genève, CRAG – Centre de Recherche Appliquée em Gestion, cahier: N° HES-SO/HEG-GE/C—06/7/1—CH, 2006. Disponível em: <http://www.hesge.ch/heg/crag/doc/pub_wp_ab_13102006.pdf> Acesso em: 22 mar. 2007.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96*. Brasília: 1996.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Superior – MEC-SESU. *Proposta para os cursos superiores de música*. Mimeo.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais/Arte*. 1ª. a 4ª. séries Brasília. Apostila, 1997. Versão Preliminar.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais/Arte*. 5ª. a 8ª. séries Brasília, 1998.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais/Temas transversais*. 5ª. a 8ª. séries Brasília, 1998.
- COMITTEE ON ENVIRONMENTAL HEALTH. Noise: a Hazard for the Fetus and Newborn. *Pediatrics*, n. 100, p. 724-727, 1997.
- DALCROZE, É. J. *Le rythme, la musique et l'éducation*. Lausanne: Foetisch Frères, 1965.
- FONTEERRADA, M. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- FONTEERRADA, M. *Música e meio ambiente: a ecologia sonora*. São Paulo: Vitale, 2004.
- HAOULI, J.; FONTEERRADA, M.; PORTO, R.; TABORDA, T.; SCHAFER, R. M. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.
- KODÁLY, Z. *The selected writings of Zoltán Kodály*. London: Boosey & Hawkes, 1974.
- KRAUSE, B. *Wild Soundscapes*. Berkeley: Wilderness Press, 2002.
- PIATAM PROJECT. Disponível em: <www.piatam.ufam.edu>. Acesso em: mar. 2007.
- RIO DE JANEIRO. *Escuta! A paisagem sonora da cidade*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Seminário de Música Pró-Arte, s.d.
- SOFIATTI, A. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: LAYRARGUES, PH.P.; CASTRO, R.S. de. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOUNDSCAPE. *The Journal of Acoustic Ecology*. v. 2, n. 2, dec. 2001.
- SUZUKI, S. *Educação é amor: um novo método de educação*. 2 ed. Santa Maria: Palloti, 1994.

Recebido em 12/08/2007

Aprovado em 22/09/2007